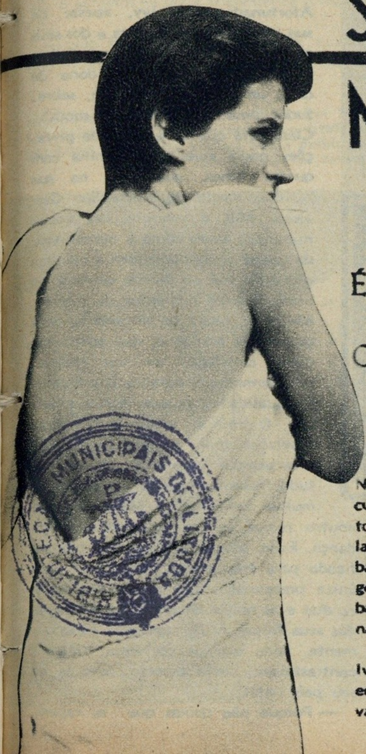
Silvana Mangano



ALBUM DOS ARTISTAS
(2.º Volume — Fasc. 23)
Edição de Aguiar & Dias, Ltd.ª — Todos os direitos reservados para Portugal, em conformidade com a lei, na apresentação, disposição e conjunto da obra. — Distribuidores e Depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones 668639//668684 — LISBOA (Portugal) Delegação no Porto: Rua Duque de Loulé, 42 — Telefone 30794 — Composto e impresso nas Oficinas de Bertrand (Irmãos), Ltd.ª — Travessa da Condessa do Rio, 7 — Lisboa.



SILVANA MANGANO

a rapariga que seduziu o mundo É HOJE PRISIONEIRA DA FAMA QUE O CINEMA LHE TROUXE

IVY Webb nascera em Sussex, Inglaterra, pelo começo do século. Era uma rapariga alta, loira, atraente, que sentia uma verdadeira paixão pela dança. Não lhe permitiram os seus meios económicos custear os estudos numa Academia, e contentou-se com a frequência do «Wimbledon Palais» de Londres, uma espécie de salão de baile popular, onde todos os sábados e domingos Ivy dava rédea solta ao seu entusiasmo bailando as mais complicadas danças modernas.

Num enovoado dia de Outubro de 1926, Ivy conheceu ali um jovem italiano, que estava em Londres empregado como criado. Chamava-se Amadeu Mangano e era filho de pai



Silvana Mangano estava predestinada à vida artística. Ainda criança, enraizou-se no seu espírito o desejo ardente de se tornar uma grande bailarina. Com o apoio da mãe, ingressou, aos 15 anos, na Academia de Dança de Jia Ruskaya. Porém, a sua paixão pelo «ballet» não bastou para que viesse a ser uma aluna brilhante.

siciliano e de mãe espanhola. Os jovens encontraram-se casualmente na pista; ele atreveu-se a convidá-la para dançar; amaram-se e, poucos meses mais tarde, contraíram matrimónio e foram viver para Itália. Ali, e abandonada a ideia de se fazer criado, Amadeu empregou-se como caixeiro viajante e começou a viajar por toda a Itália em companhia de sua esposa.

Quando nasceu o primeiro filho, Roy (que hoje é um excelente técnico de som), a família Mangano decidiu instalar-se em Roma, onde, dois anos mais tarde, a 21 de Abril de 1931, vinha ao mundo a primeira rapariga, Silvana, seguida doutras duas: Patrícia e Natascha.

★

A vida do jovem casal corria numa modéstia quase a raiar na pobreza. Afortunadamente, Ivy, apesar da sua imaginação sonhadora e dos seus anseios artísticos jamais satisfeitos, tornou-se uma exemplar dona de casa, uma boa educadora e, sobretudo, uma administradora modelo. Claro está que só à força de privações podia viver esta família com quatro filhos, que vivia na sua humilde casita do bairro San Giovanni. Mas a privação das coisas materiais, assim como a necessidade de contar e distribuir com a máxima economia até ao último cêntimo os limitadíssimos proventos do marido, não eram causa de sofrimento para os esposos Mangano, que sentiam a maior satisfação em ver crescer, sãs, formosas e dotadas das melhores qualidades, as suas quatro crianças. O mútuo amor, para mais, suavizava todas as asperezas. Uma preocupação constante, apesar de tudo, atormentava Ivy Webb, a mulher de Amadeu Mangano, que noutro tempo sonhara ser «estrela» da dança. Estas suas ilusões juvenis haviam ficado para trás, muito para trás... e a única preocupação que inquietava agora os dias e as noites de Ivy era a educação dos seus filhos. A das raparigas, especialmente, dado que os costumes italianos contrastavam, neste aspecto, com os do seu país natal.

— Porque não deixas que as raparigas tenham um pouco mais de liberdade para escolher as suas próprias amiguitas e as suas diversões? — protestava, às vezes, Amadeu, ante a repressão rigorosa com que a mulher procurava reter em casa as filhas.

— Terão tempo de escolher por si próprias quando forem adolescentes — replicava Ivy. — Até então, sou eu quem deve velar por elas. Já sabes que nesta questão, ingleses e italianos, não estamos nunca de acordo.

— Com efeito, é a primeira vez que não o estamos — dizia tristemente o marido.

— Não é culpa tua nem minha, querido — replicava Ivy. — É que não podemos negar a diferença substancial entre a educação britânica e a italiana: na Itália deixam livres as raparigas para elegerem as suas companheiras e amigas, para escolher os seus divertimentos e, em troca, vigiam-nas e reprimem-nas exageradamente ao chegar à adolescência. No meu país, pelo contrário, vigiamo-las muito no período da infância, mas ao chegar à adolescência concedemos-lhes uma liberdade maior do que aqui.

Dessa liberdade gozaram, sem dúvida, as três irmãs Mangano, educadas segundo o método inglês ao gosto de sua mãe. Aos treze e catorze anos, Silvana ia aos bailes e excursões, e até, algumas noites, ao teatro.

Um instantâneo obtido em 1947: Em Stresa, Silvana Mangano (n.º 104) e Gina Lollobrigida (n.º 27) concorrem ao título de «Miss Itália». Ambas seriam batidas por Lúcia Bosé, mas Silvana podia exibir já o título de «Miss Roma» desse mesmo ano, e começava a ser famosa sob o signo da beleza.



Era uma adolescente de carácter um tanto estranho. Concentrada, enigmática por vezes, caprichosa, avarenta e, apesar disso, em certas ocasiões dotada duma generosidade sem limites. As irmãs mais novas interpelavam-na frequentemente, para que lhes dissesse quais eram os seus pensamentos quando, de repente, parecia abstrair-se contemplando as nuvens.

— Se soubessem! — dizia-lhes, então. — Mas para que querem saber? E ainda que lhes dissesse não o compreenderiam...

Nem a sua própria mãe podia entender aquela criatura, tão ràpidamente arisca como abnegada, que se revelava uma razoável beldade, ao mesmo tempo que permanecia no seu temperamento sonhador. Até que um dia... a revelação chegou. E foi a mãe, Ivy, talvez a única que pôde compreendê-la totalmente.

★

Foi uma noite, uma noite de maravilha para a pequena Silvana Mangano. Como chegaram aqueles bilhetes para o teatro da ópera à humilde casita de Amadeu Mangano? Talvez presente dalguma pessoa amiga, de algum cliente afortunado desejoso de agradecer ao caixeiro viajante; produto, talvez, duma economia subtraída à humilde necessidade de cada dia; talvez... Mas, quem podia sabê-lo! O certo é que Silvana Mangano assistiu a uma representação da ópera. Numa noite revelou-se-lhe todo o mundo da ficção da música e do canto... Mas revelou-se-lhe sobretudo a arte maravilhosa da dança.

Uma insigne dançarina italiana, Attilia Radice, actuava naquela noite e, para o olhar fixo e o espírito ávido de Silvana, ela encheu o palco inteiro, o teatro inteiro. Não era aquela bailarina uma criatura de carne e osso para a jovem admiradora, que a contemplava extasiada do seu modesto lugar no alto do teatro: era um ente de sonho que tinha qualquer coisa de pássaro, de fada, de espírito subtil; uma criatura que parecia levar dentro de si a alma da música e, ao



Esta é a foto sensacional que correu os jornais e as revistas de todo o mundo e proporcionou a Silvana o contrato para o filme «Arroz Amargo», com o qual se tornaria uma das primeiras «estrelas» do cinema mundial.

mesmo tempo, a alma da natureza, tal como Silvana a sonhara na sua contemplação estática das nuvens, dos horizontes infinitos. Ia, vinha, elevava-se do solo, màgicamente, etéreamente... Constituia essa modo de expressão, esse sair de si mesma para ser algo mais do que uma criatura de carne e osso, apegada à terra, com que Silvana havia sempre sonhado.

Ao chegar a casa, a altas horas da noite, a pequena Silvana não pôde adormecer. Foi acordar a mãe e as suas irmãs. Acreditando que acontecia qualquer coisa, o seu pai levantou-se também. Com palavras cálidas, ardentes, a pequena Silvana, normalmente tão silenciosa, falava, falava, falava...

— Era qualquer coisa como não podem imaginar — dizia, desejosa de que os outros participassem da sua grande emoção. — Jamais poderei esquecer o nome de Attilia Radice. Nunca poderei esquecer, sobretudo, a sua figura, as suas atitudes, as suas evoluções, o seu voo no palco. Eu olhava-a, olhava-a...

— Vamos, vamos, pequena — interrompeu Amadeu Mangano. — É já muito tarde, deves adormecer. És muito susceptível, Silvana. Quando digo que não te convêm esses espectáculos...

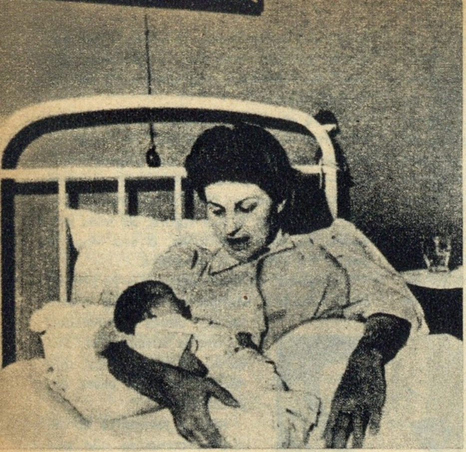
Mas a jovenzita continuava, como se não pudesse subtrair-se à fascinação:

— Eu olhava-a como em transe. E à força de olhá-la, fechava os olhos e, por momentos, imaginava estar no seu lugar, ser ela própria, transformar-me eu, Silvana Mangano, em Attilia Radice e dançar, dançar, quase diria melhor, voar sobre um imenso palco. Estavam fixos em mim os olhos de milhares de espectadores; a meus pés a orquestra, o naipe dos violinos, com suas infinitas vozes... Mas eu não via nada, não ouvia nada. Como Attilia Radice, a música era eu própria, a dança era eu própria, e dançava, dançava, dançava...

Todos na pequena casita do bairro San Giovanni foram-se deitar naquela



Num mesmo golpe, a ventura ofereceu-se a Silvana Mangano com todos os seus aspectos básicos: fama, fortuna e felicidade! Dino de Laurentis, o produtor da película que a celebrizou, enamorou-se fulminantemente da «vedeta», e, pouco tempo depois da estreia do filme, desposou-a numa cerimónia pomposa, que foi um dos maiores acontecimentos mundanos de 1949.



O matrimónio, e principalmente o nascimento da primeira filha, operaram em Silvana uma modificação psicológica: deixou de lhe interessar o esplendor da sua carreira de grande «estrela», e descobriu na vida do lar, na sua função de esposa e mãe, os mais belos encantos que a mulher pode usufruir.

noite convencidos de que Silvana era uma criatura um pouco estranha, incompreensível, fantástica, de quem não havia que fazer demasiado caso.

Mas duas pessoas não dormiram em toda a noite. Não dormiram Silvana nem sua mãe, Ivy, a única, entre todos, que podia compreender o êxtase da filha.

Na manhã seguinte, muito cedo, chegou-se junto do leito de Silvana com o coração palpitante. Esperou que fosse Silvana quem falasse.

— Mamã, quero tomar lições de dança. Desejo-o acima de tudo. Crês que será possível?

— Possível, dizes? Não, minha filha. Não é possível. Mas também se fazem, às vezes, impossíveis. Não sabias? E tua mãe fará esse impossível para que tu possas receber a educação artística com que sonhas.

Que não faria Ivy para secundar a paixão de sua filha? Em Silvana revivia aquela paixão juvenil que enchera os melhores anos da sua vida. Também ela havia sonhado ser uma grande bailarina. Silvana seria mais feliz do que ela e cumpriria o seu desejo. Era formosa e quase criança: tinha diante de si uma larga vida e, sem dúvida, um risonho futuro.

Naquele mesmo dia a inscreveu na Academia de Jia Ruskaya. Como se pagariam as lições? Isso era o menos. Alguns sacrifícios mais, algumas economias mais nos proventos dos Manganos, proporcionariam o indispensável para pagar a Academia. Mas Silvana Mangano seria bailarina.

★

Não o foi, apesar de tudo.

Como para sua mãe, a ambição de voar sobre as pontas dos pés e alcançar a fama como dançarina foi para Silvana uma ambição falida. A sua soberba figura havia de chegar a ser famosa, isso sim; mas através de uma expressão artística insuspeitada para ela.

Em que forma, porque caminho chegaria a celebridade até esta criatura predestinada?

Uma vez mais o amor maternal havia de trazê-la pela sua mão.

Silvana tinha dezasseis anos e era formosa. Os seus progressos na Academia russa de dança não eram tantos como para sustentar a ilusão da sua família a respeito do seu futuro de bailarina. O seu anseio, ou o que ela julgava que fosse a sua vocação, não desmaiava, mas lograria chegar aonde ela ambicionava? Entre um número elevado de alunas, não ocupava certamente nenhum dos primeiros postos.

cinematográfico» que celebrizou Silvana!



HOJE — dez anos depois de ter despontado fulgurantemente no firmamento cinematográfico — pode-se afirmar que Silvana Mangano é uma actriz de recursos, sóbria e convincente, senhora de uma longa experiência de que sabe tirar absoluto proveito. Mas quando, em 1948, o realizador Giuseppe De Santis a levou para um extenso e agreste arrozal e a colocou diante de uma câmara cinematográfica, para as filmagens de «Arroz Amargo», ela não passava de um belo exemplar feminino, que nada sabia de cinema.

Com o seu ar de superior indiferença, com uma naturalidade alheia a qualquer intenção pretensamente sedutora, Silvana foi a primeira a entrar nas águas sujas e a despir-se diante da objectiva, dando o exemplo às figurantes, que se mostravam renitentes em cumprir as indicações de De Santis, que pretendia autênticas «mondadeiras». Desde esse momento, a beleza insolente da moça italiana, ferindo, com uma agressividade quase primitiva, as retinas dos que a admiravam, essa beleza que impressionava sem pretender impressionar, que perturbava apenas porque era bela e exuberante, tal como os recortes magníficos da Natureza põem em efervescência o espírito dos pintores, criaria um novo e sensacional «tipo cinematográfico» feminino. E esse foi o «virus» da fama que, uma semana depois de o filme se estrear, levava o nome de Silvana Mangano a todos os pontos do globo.







O seu imenso público, os muitos milhares de admiradores que, em toda a parte do mundo, aguardavam ansiosamente os seus filmes, não se mostravam dispostos a conformar-se com a ausência de uma «vedeta» que os entusiasmava febrilmente. E Silvana, já com duas filhas — Verónica e Raffaela Túlia — não tinha coragem para se desligar dos seus compromissos cinematográficos, muito embora fosse a doce tranquilidade doméstica que lhe proporcionasse as horas verdadeiramente felizes.

Mas era formosa, e a todas as horas o ouvia dizer em sua casa e fora dela, na Academia, entre as suas amizades,

Certo dia, depois duma refeição, a sua mãe, levantando os olhos da revista que estava a ler, fixou-os nos de Silvana.

— Sabes, filha, realiza-se o concurso anual de beleza para a eleição de «Miss Roma 1947». Porque não te apresentas?

— Eu?

— Sim, Silvana; és muito bonita. Mais bonita que muitas das que triunfaram noutros concursos. Porque não concorres?

O pai encolheu os ombros, atirou o guardanapo e levantou-se, murmurando:

— Estas mulheres! Sempre a fantasiar palermices. Como se não bastara essa história ridícula da Academia de dança...

Mas a mãe insistiu:

— Não é nenhuma história ridícula. É a sua vocação, Amadeu. Quem sabe se tu tiveste prejudicada alguma vocação para seguires adiante na vida! Se a isto se pode chamar vida...

Era a primeira vez que assomava aos lábios de Ivy a frase amarga. Mas o seu gesto, por um momento endurecido, voltou a suavizar-se ao contemplar de novo a sua filha.

— És tão bonita, Silvana... E, além disso, fotogénica. Não se diz assim? Lembra-te das últimas fotografias que tiraste; onde as guardaste?

— Mamã, deixemos isso. É absurdo! E, além disso, o meu pai tem razão: é ridículo. Sou uma bailarina. Não quero ser outra coisa. Que importa ser mais ou menos bela... se se dança como um elefante?

Levantou-se da mesa, por sua vez, mal humorada. Mas a senhora Mangano não cedeu. Era ela, ao fim e ao cabo, quem havia sofrido todas as privações, quem havia realizado todos os sacrifícios para pagar a Academia. E, na verdade, com escasso fruto. Por isso, agora considerava-se com direito a impelir Silvana para um caminho mais seguro ou, pelo menos, mais curto do que a arte.

A obstinação da senhora Mangano conseguiu o seu propósito. A fotografia de Silvana foi mandada ao concurso de beleza.

E, poucos dias depois, a jovem era chamada à presença do júri que decidiria os resultados do concurso. Depois das provas e das eliminatórias sobre as fotografias, era indispensável a presença viva da meia dezena de raparigas que haviam chegado a finalistas. E assim foi Silvana Mangano eleita, por unanimidade, «Miss

O produtor Dino de Laurentis, que ama tanto a esposa como admira a actriz, foi também, desde logo, um forte elemento de oposição à ideia de que Silvana abandonasse a carreira artística. «Tu és uma «estrela» em pleno fulgor — repetia-lhe vezes sem conta — e não podes apagá-la assim de repente!». Aqui os vemos no remanso da sua vivenda sumptuosa, nos arredores de Roma.



"Roma 1947», derrotando milhares de beldades italianas. De certo modo, pelo menos por uma temporada, era o bem-estar para a família Mangano. Para Silvana constituía também aquele prémio um estímulo vital da confiança em si própria, uma variante na sua existência até ali fechada, limitada e mesquinha, um passo para a fama, entre um coro de admiradores e afagos. E a sua aspiração para as glórias coreográficas ficou esquecida; para a sua juventude com todas as ilusões, abria-se um caminho. Por um caminho ou outro, Silvana Mangano alcançaria a celebridade sonhada. Fama, celebridade! Nem sempre têm estes conceitos, na sua realidade, a forma vaga própria dos contos de fadas: a figura duma dama com cabelo solto, a roupagem flutuante e uma larga trompeta na mão... Pelo menos, no caso de Silvana, o caminho aberto pela fama aparecia na figura do encarregado duma casa de alta costura que vinha oferecer-lhe um contrato vantajoso.

— O que lhe oferecemos não é desprezável, «signorina» — disse o mensageiro da fama ou, pelo menos, do futuro e imediato bem-estar económico. — O seu título de «Miss Roma» é muito conveniente para a nossa casa e atrairá, sem dúvida, um número crescente de clientes. E você... Você, por sua vez, com a sua soberba figura e a sua presença elegante, terá, vestida com os modelos da nossa casa, uma oportunidade melhor de subir a um nível social mais elevado...

— E que é que devo fazer? — perguntou Silvana, indiferente e um tanto desdenhosa.

— Pouca coisa, «signorina»... Mas qualquer coisa de que nem toda a gente é capaz. Um belo manequim que saiba dar a devida expressão tanto a um trajo de noite como a um vestido desportivo, é uma verdadeira artista que não se encontra todos os dias. Vestirá as «toilettes» mais esquisitas, adornar-se-á com jóias autênticas...

Silvana cedeu. E, na verdade, não teve que se arrepender. O bem-estar reinava na casa dos Mangano e a esforçada Ivy já não tinha de fazer tantos equilíbrios para administrar os escassos proventos familiares. O próprio Amadeu deixou de resmungar e mostrou-se mais compreensivo.

Não se havia enganado o grande costureiro. A clientela aumentou ràpidamente na casa de alta costura onde Silvana Mangano era manequim. Mas a sua passagem por esta nova actividade foi rapidíssima. O seu próprio êxito fê-la mudar de rumo. Um conhecido fotógrafo de Roma descobriu no jovem manequim um filão, e não vacilou em solicitá-la como modelo para as suas fotografias. De certo modo, esta nova actividade da rapariga tinha um aspecto espiritual, quase diríamos sentimental, e ao mesmo tempo lucrativo.

Síntese Biográfica

Silvana Mangano nasceu em Roma no dia 21 de Abril de 1931 ★ É filha de Ivyl Webb, inglesa, e de Amadeu Mangano, siciliano ★ Reside na mesma cidade onde nasceu, e onde fez os seus estudos e frequentou um curso de dança clássica até 1946 ★ Pouco depois de abandonar os estudos e de desistir de ser bailarina, tomou parte num concurso de beleza de que saiu vencedora, sendo eleita «Miss Roma» (1947) ★ Uma fotografia muito sugestiva que um caçador de instantâneos lhe tirou, quando se encontrava em «maillot» numa praia, correu toda a Itália, publicada em jornais e magazines, e causou sensação ★ A sua oportunidade no cinema surgiu de um momento para outro, quando o realizador Giuseppe de Santis a contratou para protagonista da famosa película «Arroz Amargo», que tornou Silvana numa das mais sensacionais «estrelas» da actualidade ★ Anteriormente tinha feito figuração em vários filmes, mas nunca se sugestionara com a carreira de «vedeta»

CONHEÇA MELHOR Silvana Mangano

SILVANA Mangano é uma das mulheres mais atraentes do cinema actual. Não usa «bâton» nem «rouge», e os seus trajos e adornos são sempre o mais discretos possível. Silvana dá-nos a ideia de uma garota de colégio, e diz que não modificará os seus modos perante o público, pois acha que cada um deve ter a personalidade que lhe aprouver. É bastante feliz e adora as pessoas risonhas, mas é muito difícil ver-se um sorriso nos seus lábios. Afirma que está quase sempre satisfeita e alegre, embora não sinta vontade de manifestar a sua satisfação, como também nunca revela as suas tristezas (as tristezas de Silvana são invariàvelmente resultantes da falta que sente dos filhos quando está a trabalhar). Os maiores êxitos cinematográficos não substituem, no seu coração, a felicidade suprema que lhe proporciona a sua vida doméstica, ao lado de um marido dedicadíssimo (o grande produtor de cinema Dino de Laurentis) e de três crianças encantadoras. Os seus cabelos são ruivos e a cutis muito clara. É fervorosa entusiasta de todos os desportos... mas não pratica nenhum. Como espectadora, os artistas da tela seus predilectos são Van Heflin, Katherine Hepburn e Glória Swanson, e o «astro» com quem mais gostaria de contracenar é o francês Gerard Philippe.

Apesar de sempre aparecer nos filmes como mulher sensual, de complexas tendências, é uma perfeita e serena mulher de lar. Na sua opinião, o amor não tem definição, apenas se pode senti-lo. Silvana tem pretendido, nos últimos tempos, abandonar a carreira cinematográfica, mas o público reclama sempre a sua presença, e o marido da «estrela», não esquecendo a sua missão de produtor, tem conseguido convencê-la sempre a fazer «mais um filme».



— Trata-se dum trabalho patriótico, meus amigos — dizia com ênfase Ivo Meldolesi, o prestigioso fotógrafo, aos pais de Silvana. — Os retratos da vossa filha servirão para a campanha de propaganda para a ajuda E.R.P. à Itália. Milhares e milhares de italianos e estrangeiros unirão em seus pensamentos e em seus corações a mais sagrada das causas com a efígie formosíssima de Silvana Mangano.

E também desta vez cederam os pais da jovem e ela própria. Em 1948, uma fotografia de Silvana Mangano, realizada pelo próprio Ivo Meldolesi, serviu durante a campanha eleitoral para convidar os italianos a não desertar das urnas. São realmente muito belas as fotos de Silvana Mangano desta época: esbelta, ágil, com o seu sorriso quase adolescente, com os seus olhos sempre sonhadores como nos dias infantis...



Na noite da grande «première» de «Ana», outro filme de Silvana Mangano que foi um dos maiores êxitos de bilheteira do cinema italiano, um fotógrafo registou um instantâneo difícil: as três irmãs Mangano reunidas (Patrícia, Silvana e Natascia). Atrás, o marido da actriz coloca-lhe o casaco nos ombros.

Alguma vez havia Silvana Mangano pensado em ser «estrela» da tela? Da fotografia à cinematografia... é apenas um passo.

★

E esse passo deu-o Silvana sem sequer o suspeitar.

— E se fôssemos tomar banho à praia de Tregene? — disse um dia Patrícia, a irmã de Silvana. — Faz tanto calor aqui! E tu deves estar muito cansada...

A mãe concordou:

— É verdade, Silvana; tu, tão forte, pareces fatigada nestes dias.

A rapariga encolheu os ombros. Sim, seria agradável descansar um pouco. Tinha chegado a ser fatigante aquela tarefa de posar, posar constantemente diante da câmara fotográfica do senhor Meldolesi. Além disso, já não podia sair para a rua sem

congregar à sua volta pequenos grupos ou sem que as pessoas voltassem a cabeça indiscreta para a olhar:

«É Silvana, a formosa Silvana... A das fotografias...» — diziam.

Ir para a praia seria descansar de tudo isso.

As irmãs sentiram-se de novo raparigiunhas (quase o eram) ao ver-se frente ao mar, ao espreguiçarem-se na areia dourada e receberem na sua tez a carícia do sol estival. De repente, Silvana sentiu vontade de chorar.

— Oh, Patrícia! Que aborrecimento! Deixei o fato de banho em Roma!

Realmente, ir para a praia e não poder tomar banho era incompreensível, inaceitável para ambas as jovens. Que fazer? Foi Patrícia a que resolveu o problema.

— Que palermice! Não te preocupes; tomaremos banho cada uma por sua vez.

— Mas, Patrícia, tu és muito mais delgada do que eu... E mais baixa... Com o teu fato de banho ficarei outra — protestou Silvana.

— E que te importa, para te meteres na água?

Ainda que contrariada, Silvana cedeu e aceitou a oferta. Tomaram banho cada uma por seu turno. Primeiro a pequena, a outra depois. Quando Silvana saiu da água, tão bela como Vénus ao nascer das espumas do mar, já não se reparava que o fato de banho lhe estava pequeno.

Estendeu-se na areia em atitude indolente. Ora, a fama! Aquilo, sim, é que era a vida... Aquilo, sim, é que era a juventude...

De repente, quando menos o esperava, quando se julgava completamente livre da celebridade, ouviu o seu nome pronunciado por uma voz viril:

— Silvana! Oh, Silvana, não te mexas, por favor, deixa-me retratar-te assim!



O encontro de duas «estrelas» internacionais nos estúdios da televisão italiana serve de motivo para a transmissão de uma entrevista. Silvana Mangano e a «vedeta» americana Corinne Calvet conheceram-se em Roma, quando a última foi ali filmar uma película.

E antes que ela pudesse opor-se... a câmara tinha feito das suas. Uma vez mais, mas esta sem o seu consentimento, a formosa figura de Silvana Mangano ia ser lançada à popularidade.

E até que ponto e em que forma! O fato de banho, excessivamente estreito e húmido ainda, aderente à pele de estátua da rapariga, revelava as suas formas admiráveis: uma criatura na sua primeira juventude mas já exuberante, com uma beleza nova, agressiva, distinta das que, nos últimos anos, haviam feito furor no outro lado do Atlântico. Uma beleza sem defeitos mas também sem artifícios. Natural, sã, humana, viva...

Contra o desejo de Silvana e dos seus, essa fotografia foi pròdigamente publicada nos jornais e revistas, que lutaram



Nada podia ter dado maior prazer a Silvana que a visita das suas filhas, quando se encontrava em pleno «plateau», durante a rodagem de «Oiro de Nápoles», filme dirigido pelo grande Vittorio de Sica. Aproveitando um curto intervalo de trabalhos, também o próprio De Sica, dos mais dilectos amigos da artista, veio para junto das duas crianças dispensar-lhes a sua afabilidade.

por obtê-la e oferecê-la nas suas colunas a um público extenso. Inùtilmente tentou Amadeu Mangano retirar aquele retrato da sua filha. Itália inteira o conhecia e admirava. Comparou-se imediatamente a figura de Silvana Mangano à de Rita Hayworth, que acabava de obter o maior dos seus êxitos com a película «Gilda». E em busca de qualificativos com que designar a nova beleza, disse-se que a formosura de Silvana Mangano era «superatómica».

Ocasionalmente, Silvana havia desempenhado nos estúdios italianos uns papéis de simples «extra». Era um modo de ganhar dinheiro, e, para mais, à rapariga agradava o ambiente, o divertimento de quem passa um dia ou dois nos estúdios. Tinha galanteadores às dezenas, mas não mostrava predilecção especial por nenhum. Nem tão pouco por aquela forma de actividade. A verdade era que não fazia nada para dar ao seu trabalho cinematográfico maior continuidade, nem tão pouco por sobressair nele. Uma «estrela» de cinema, ela? Que palermice! Fotografias e mais fotografias... Era essa a sua rotina. No domínio dos sonhos, Silvana via-se sempre a si própria a dançar, a dançar num grande palco...

Até que um dia sucedeu o inesperado. É o que acontece sempre. Rodava-se o filme «Arroz Amargo», produção neo-realista em que a Lux-Film, a casa produtora, tinha grande confiança. A sua protagonista devia ser uma rapariga semi-selvagem dos campos arrozeiros do vale do Pó. Tinha sido designada para o papel de protagonista, mais pela sua beleza do que por outra qualidade, Lúcia Bosé, que ostentava o título de «Miss Itália 1947». Mas o carácter da película e, sobretudo, o da heroína não agradaram à família de Lúcia e, em especial, tropeçaram com a oposição decidida do noivo da futura «estrela». A filmagem de «Arroz Amargo» foi sùbitamente interrompida, e, como isto significara uma enorme perda, Giuseppe de Santis, produtor do filme, sem outro elemento de juízo do que as já famosas fotografias de Silvana Mangano em fato de banho que casualmente haviam caído nas suas mãos, chamou-a para interpretar o papel principal da película.

A primeira sensação da jovem foi de aturdimento; depois, de esperança ilusória. Dirigiu-se aos estúdios com entusiasmo, julgando que, uma vez mais, a iam vestir com trajos principescos que realçassem a sua beleza. Ao dar-se conta da realidade ficou profundamente decepcionada. Ao chegar a sua casa, pais e irmãs vieram ao seu encontro.



O excelente actor Vittorio Gassman, que contracenou com Silvana no seu primeiro filme, e, posteriormente, noutros dois, tem grande admiração, pessoal e profissional, pela «estrela».

Silvana Mangano mostra o seu fino sentido artístico admirando uma obra de arte



— Para que te chamaram? Que papel te destinam?

— Bah! — murmurou com desalento. — O papel duma selvagem vestida de farrapos...

★

E, apesar disso, aquela, sim, era a fama de verdade. Uma fama inesperada, brusca, que havia de convertê-la, dum dia para o outro, na «estrela» mais admirada do mundo... e, ao mesmo tempo, na mulher mais feliz da terra. Pois, pela mão da fama, chegou também, para Silvana, o amor. Um amor impetuoso, único, verdadeiro. Dino De Laurentis, jovem co-produtor da película, enamorou-se loucamente dela e começou a cortejá-la desde o primeiro dia. Silvana, sempre desdenhosa com os seus pretendentes, tentou







A felicidade que Silvana não troca pelo cinema...

As imagens destas páginas, obtidas por um fotógrafo que recentemente transpôs os portões da luxuosa vivenda do casal De Laurentis, ilustram convincentemente a afirmação da grande «vedeta» italiana de que é no mundo sereno do seu lar que encontra a verdadeira felicidade — a felicidade que ela não troca pelo cinema.

Silvana Mangano sente-se, acima de tudo, dona de casa, esposa e mãe. Não a aliciam já as grandes «soirées» de gala nem os elegantes «cocktail-parties». Dá-lhes a sua presença porque a isso a obriga a sua posição de «estrela», mas longe vai o tempo em que tais reuniões a faziam vibrar, como se constituíssem pedaços da história maravilhosa de uma princesa das mil e uma noites. Hoje, quem a quer ver absolutamente feliz procura-a junto do marido e dos filhos. E verá a «vedeta» fascinante da tela transformada numa simples mulher, que brinca com as suas crianças, vigia atentamente os seus estudos e cuida afàvelmente da sua alimentação.









A mãe perfeita

Com o nascimento do terceiro filho, mais se fortificou a sua devoção pelos deveres maternais e conjugais, em prejuízo da carreira da «vedeta». De tal modo se tornou notório o seu exemplo de festejada actriz para quem os filhos e o marido se elevavam acima de todas as glórias, que a Itália a considerou «a mãe perfeita». Nas fotos da esquerda e da direita, podemos apreciar duas imagens que bem confirmam tal denominação. Repare-se no exótico penteado de Silvana, muito em voga, há uns três anos, na cidade eterna.

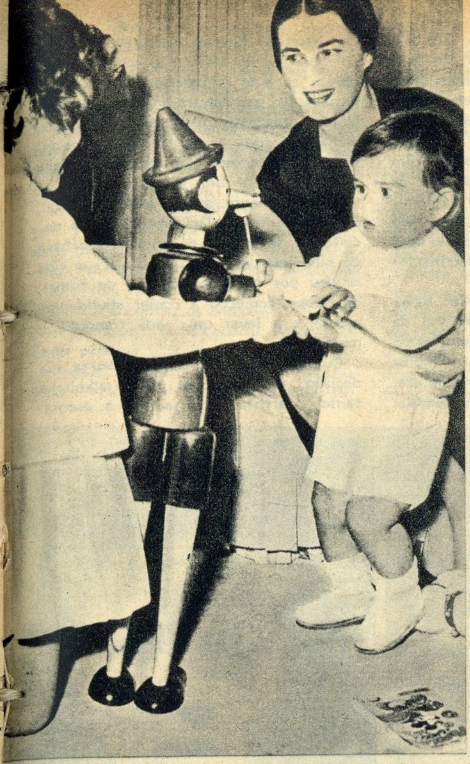
também, daquela vez, escapar ao idílio; o seu temperamento desconfiado negava-se a admitir um namoro tão rápido e fulminante. Mas o destino já havia decidido por ela. E antes que terminasse a rodagem do filme, Dino De Laurentis pediu-lhe que fosse sua esposa.

— Silvana, meu amor: casemo-nos já. Quero-te como nunca suspeitei que pudesse querer a alguma mulher. E tu também me queres, não é verdade, Silvana? Diz-me que não estou equivocado, que também represento qualquer coisa para ti...

— Sim, Dino, sabes bem: quero-te com toda a minha alma. Mas, casarmo-nos agora, tão depressa... Sim, mal nos conhecemos... Deixa que passe algum tempo e voltaremos a falar nisso...

Mas o amor é impaciente e não espera... Antes de que nos nevados montes da Catania houvesse terminado a rodagem do seu segundo filme, «O lobo da Calábria», com Amadeo Nazzari, Dino, pela centésima vez, voltou a pedir-lhe que se casasse com ele. E Silvana, finalmente, acedeu.

A boda celebrou-se em Roma e constituiu um verdadeiro acontecimento cinematográfico. Desde as primeiras horas da manhã, volumosa multidão se agrupou diante da igreja onde devia celebrar-se a cerimónia. Centenas e centenas de convidados, entre os quais se contavam todas as primeiras «estrelas» do cinema italiano, acomodaram-se nos bancos da igreja. O altar estava maravilhosamente adornado de flores brancas. Ao penetrar no templo pelo braço de seu pai, Silvana, esquisitamente vestida de branco e seguida pelas suas duas irmãs, que serviram de «damas de honor», assemelhava-se a uma bela aparição de conto de fadas; um sonho de tules e véus cobria a sua cabeça, emoldurando o rosto doce e formoso. Ao pé do altar, impecàvelmente vestido, aguardava-a Dino, o homem que dentro de breves instantes se converteria no inseparável companheiro da sua vida. Silvana, feliz e enamorada, avançou até se colocar junto dele e, no momento solene do «sim, quero», pronunciado com voz trémula, todo um mundo de felicidade e sonho assomou aos olhos da rapariga. Um mundo em que o cinema — nem sequer a glória — não ocupava, certamente, o primeiro lugar.



Passaram a lua-de-mel em Paris e, para Silvana, aquela viagem foi maravilhosa. Quantas descobertas para a rapariguita pobre que nunca havia saído do bairro San Giovanni! O descobrimento do amor e da vida. Todas as suas ilusões satisfeitas. Dino era, na realidade de todos os dias, não já o príncipe sonhado, mas, o que vale mais, o esposo em quem tomavam vida e alma os seus caros anseios de juventude e de felicidade. Foi então que Silvana se encontrou a si própria, como mulher enamorada, inclusivé como mulher do lar, cujos afãs quotidianos a afastavam do trepidante mundo da arte e da fama.

— E se deixassemos tudo? O cinema e tudo isso, compreendes? Para vivermos juntos e sós, sem nos ocuparmos de nada e, sobretudo, sem que ninguém se ocupe de nós...

Esta foi a pergunta que, mais duma vez, foi feita por Silvana a Dino, nos dias de êxtase da sua viagem de noivos. Mas justamente naqueles dias exibia-se no Festival de Cannes, «Arroz Amargo». Silvana e Dino assistiram à «première». O êxito foi ruidoso. O mundo inteiro elogiou a beleza deslumbrante e o estilo

espontâneo da beldade europeia, que com uma só película havia logrado pôr-se à altura das primeiras actrizes americanas. Foi proclamada uma das «estrelas» mais electrizantes do cinema mundial e a sua figura, nesse filme, com o apertado «sweater» e as pernas bem feitas, com meias negras, metidas no lodo até às coxas, converteu-se no símbolo da feminilidade. Disse-se que ela era uma Ana Magnani com quinze anos menos ou uma Ingrid Bergman com temperamento latino.

A roda não podia já deter-se: havia chegado a fama. Não pelo caminho da dança, como ela sonhara; mas sim, como prognosticara sua mãe, por outro muito rápido e impetuoso. Silvana Mangano era, aos dezanove anos, uma «estrela» famosa.

Os estúdios italianos disputavam a sua colaboração; as revistas e jornais publicavam as suas fotografias, repórteres e jornalistas assediavam-na; os Estados Unidos interessaram-se em contratá-la, e fizeram toda a espécie de propostas: ordenado fabuloso, contrato para toda a vida... a lua, enfim, se ela quisesse!

E, ràpidamente, ante o assombro geral, Silvana anunciou plàcidamente a sua decisão de se retirar do cinema. Acabava de saber que ia ter um filho e a sua vida mudou por completo. Deixou de fumar, de beber, começou a comer abundantemente e a levar uma vida tranquila e metódica.

Quando o seu marido conheceu a sua decisão, encolerizou-se. Dino admirava tanto a artista como amava a esposa. Havia-se deixado fascinar por ela no ambiente dos estúdios, sob a potente luz artificial dos focos e não podia compreender a vida de Silvana e a sua própria por outros roteiros. A união conjugal era a de dois perfeitos enamorados mas também a de dois artistas. Por isso quis que Silvana reflectisse, que não se deixasse levar pelo seu impulso.

— É uma loucura, Silvana. És famosa, tens obrigações para com o público e, além disso... não podes fazer-me isto a mim. Tens um contrato por três anos com a Lux-Film, recordas-te?

Silvana encolheu os ombros.

— Trata de o fazer caducar. Arranja-te como puderes.

— Mas reflecte, querida! — insistiu Dino. — Um dia podes arrepender-te. Agora é a tua oportunidade, Silvana. Não podes desprezá-la. Não to digo pelo dinheiro: sabes que não me importa. É por ti própria, pela dívida que com as tuas qualidades contraíste contigo própria, com o cinema e com o público.

Silvana não insistiu. Ninguém à sua volta podia compreender aquela insensibilidade ao êxito, que não tinha precedentes. Nem a sua própria mãe foi capaz de a compreender, e a maioria das pessoas julgaram que se tratava duma «pose» de «estrela» ou de um truque publicitário. Mas Silvana sabia que o seu único anseio era ser uma boa dona de casa, dedicar-se por inteiro a seu marido, a quem adorava, e a seus filhos, quando viessem; fazer uma vida normal, fora dos focos, reflectores e jornalistas; levantar-se à hora que







Há 10 anos ...e hoje

Uma década modificou radicalmente a linha psicológica de uma «vedeta» mundialmente querida. Dez anos atrás, a rapariga de formas exuberantes e sonhos amplos pôs em alvoroço o universo cinematográfico com o seu perturbante «sex-appeal». Hoje, em lugar da boneca de carne, encontramos uma actriz consciente a quem só interessa emocionar pelo talento, e uma distinta senhora que de boa vontade se entregará exclusivamente aos seus afazeres de mulher vulgar.



A VEDETA QUE DESPREZA A GLORIA

SILVANA Mangano, que raramente assiste a uma reunião de carácter cinematográfico, esteve presente, com seu marido, no último Festival de Veneza. Dois dias depois, porém, aborrecida com a agitação que a rodeava, fatigada das perguntas dos jornalistas e dos pedidos de autógrafos, partiu bruscamente, deixando o marido a braços com os descontentes.

— Que querem que lhes diga? — defendeu-se Dino De Laurentis. — Vocês já



nema, publicidade, admiradores, festivais, nada disso lhe interessa. Tentem compreendê-la... Ela é tímida... A multidão atemoriza-a...

É, com efeito, um caso muito pouco vulgar o de Silvana Mangano. A glória é-lhe absolutamentei ndiferente, e está sempre a desejar voltar-lhe as costas, como se se tratasse do mais impertinente maçador. Tendo-a tornado célebre, o cinema exige-lhe que, periòdicamente, assuma a sua personalidade de actriz. Silvana cumpre essa tarefa, sempre com a sensação de que está a ser levada à força para um destino de que pretende fugir.

E é desse elo invisível que traz o seu espírito acorrentado que ela se vinga conscientemente, satisfazendo o mais possível os seus caprichos e adoptando para o mundo cinematográfico essa atitude fria, ausente, orgulhosa; e inconscientemente, votando-se ostensivamente contra o que falhou o seu triunfo: a sua beleza provocante (torna-se cada vez mais magra, frágil e distinta, ganhando um ar senhoril), o desejo que acende nos homens (não se maquilha, veste com a maior simplicidade possível, tem horror aos cumprimentos e foge das companhias masculinas), a inveja que suscita às mulheres (cumula de gentilezas e indulgência as suas numerosas amigas, como se pretenda fazer-se perdoar).



Embora o cinema tenha já passado, desde há muito, para segundo plano na sua vida, Silvana continua a ser a profissional impecável, quando actua diante da câmara. Não regateia esforços, não protesta nem toma ares de figura importante. Tem sempre decorados os seus papéis, e trabalha com sinceridade e humildade

ine apetecesse, comer sem se preocupar com o «contrôle» do seu peso, jogar as cartas, não suportar o seu destino de bela entre as belas... Ser simplesmente mulher, uma mulher como outra qualquer.

Quando nasceu o filho, uma rapariga, a quem puseram o nome de Verónica, Dino de Laurentis não discutiu: limitou-se a mostrar-lhe o telegrama dum desconhecido que dizia:

«Agora que cumpriu o seu dever de esposa, espero admirá-la muito em breve num novo filme».

— Temos tempo para pensar nisso — respondeu Silvana.

— Sim, querida; todo o tempo que queiras.

Poucos meses mais tarde, apesar de tudo, Silvana voltava aos estúdios para rodar «Não Matei!», e imediatamente depois, «Ana», película que teve um êxito estrondoso em todo o mundo e cujo «baião» se canta e dança em todos os lados. Nela aparece Silvana muito diferente e com um aspecto quase estático.

Quando nasceu a segunda rapariga, Raffaela Tulia, repetiram-se quase ponto por ponto as anteriores cenas: Silvana queixou-se de estar cansada do cinema, de querer a todo o custo retirar-se para a vida privada.

— Estou cansada, querido. A experiência de «Arroz Amargo», com os mosquitos, a humidade e o lodo dos arrozais, foi demasiado dura para mim. E houve ainda o frio e a neve de «O lobo da Calábria». Não reparas que a única coisa que desejo é viver a teu lado, obedecer-te em tudo, ser tua escrava toda a vida... não como actriz, mas sim como esposa?

— Sim, Silvana, compreendo-o. Mas tu não és uma mulher como outra qualquer. Tu és uma «estrela» em pleno esplendor, e não podes apagá-la assim de repente...

— Ai, Dino, Dino! Quanto desejaria não ter nascido formosa!

★

Mas, apesar de tudo, Silvana é formosa. O seu destino é ser adorada por todos, quando ela só adora as suas filhas, ser admirada por todos os homens, quando o seu único desejo é comprazer e compreender o homem que ama. E assim, ela, a mulher natural, impulsiva, tem de constituir uma dupla personalidade. A de artista. A de mulher. A vida cinematográfica de Silvana Mangano reflecte-se em todo o lado: na grande divulgação de «slogans» publicitários, em revistas e publicações mundiais, nos seus grandes êxitos, em numerosas recepções celebradas em sua honra, em colunas e colunas de artigos elevando-lhe a fama, nos milhares de fotografias com



O mais recente filme de Silvana é «Esta terra amarga», já estreado em Portugal. Foi produzido por Dino de Laurentis, e tanto o ambiente como a personagem que ela interpreta assemelham-se um pouco aos de «Arroz Amargo». De novo Silvana teve de afundar as suas bonitas pernas em águas lamacentas.

Depois do baião e do mambo

SILVANA lança o Crawl!











No alvorecer da adolescência, Silvana ambicionou tornar-se uma grande bailarina, mas quis o destino que a glória a procurasse por outro caminho. Nunca se desvaneceu, porém, essa tendência e, recentemente, a célebre actriz teve o gosto de interpretar um filme — «Mambo» — em que dançou quase do princípio a fim (imagem da esquerda), revelando-se a bailarina graciosa que já no famoso baião de «Ana» havia entusiasmado o público. Agora, em «Esta terra amarga», lançou um novo e sensacional ritmo — o «crawl» — que está a fazer furor. Apresentamos alguns momentos dos ensaios com o actor americano Anthony Perkins.

as suas «poses» mais características... Todo o mundo a conhece agora, todo o mundo a admira. Estão longe, muito longe, os dias passados na humilde casita do bairro San Giovanni. E, apesar disso, Silvana não é feliz; a Silvana íntima, apaixonada, não obtém deste ambiente a satisfação que seria natural. Tem agora vinte e sete anos e conserva ainda, como da rapariga, como da adolescente, o olhar enigmático e um pouco sonhador. Só na intimidade do seu lar, na sumptuosa vila que agora habita na Via Martelli, próximo à Via Appia Antica, um dos lugares mais pitorescos da campina romana, só ali Silvana se encontra a si própria e se sente realmente feliz. Tudo o resto é para ela acessório, supérfluo. Nascida na pobreza, sem a educação necessária, esta súbita ascensão à fama, à riqueza, mais parece aborrecê-la do que satisfazê-la. A sua reacção é a reacção natural duma mulher jovem e formosa, criada no conceito da subordinação feminina, da obediência ao marido e à dedicação ao lar e aos filhos. Para que deve brilhar e exibir-se fora disso? Bom. Mas fá-lo sem lhe conceder a menor importância, sem concentrar no cinema a máxima aspiração da sua vida. Quando se encontra diante da câmara não regateia esforços, faz quanto é necessário, pois a sua vontade é firme. Os seus companheiros de trabalho adoram-na; Vittorio Gassman, que trabalhou com ela em «Arroz Amargo» e mais tarde em «Mambo» (filme em que Silvana pôde satisfazer plenamente, até ao fim, a sua ilusão de dançar, dançar...), comentava em certa ocasião com Paul Crook, um dos inumeráveis jornalistas que assediavam Silvana no «set» dos estúdios:

— Trabalhar com Silvana é uma verdadeira delícia. Desde que a conheço jamais a vi ofendida ou com rebates temperamentais. Sabe sempre as suas intervenções e trabalha com sinceridade e humildade. Estar a seu lado é um prazer.



Tem o sentido do humor, ri com naturalidade e quando considera que o trabalho dum colega merece felicitações, dá-as sem rodeios.

Quando a contrataram para interpretar o principal papel em «Mambo», Silvana sentiu-se, por um instante, feliz. A protagonista era uma bailarina, e, durante três meses Silvana pôde novamente dançar, voar na ponta dos pés... Tanto se atarefou, tanto entusiasmo pôs no seu trabalho, que a sua professora, a bailarina negra Katherine Dunham, ao terminar a rodagem do filme, lhe propôs:

— Realmente, você reune condições extraordinárias para a dança. Seria uma excelente bailarina. Porque não vem comigo fazer uma digressão pela Alemanha? Dar-lhe-ei um bom lugar na minha companhia de «ballet»...

Mas Silvana teve de renunciar novamente à sua vocação. Os estúdios Ponti--De Laurentis aguardavam-na já para começar a rodagem de «Ulisses», sob a direcção de Mário Camerini, com Kirk Douglas como seu par. Esta película constitui uma experiência nova para Silvana, em primeiro lugar, por ser o primeiro filme a cores em que aparece, e depois porque nela faz dois papéis completamente diferentes. É Penélope, a esposa fiel de Ulisses, e também Circe, a tentadora sereia. Ambas as personagens, pertencendo à mitologia, são totalmente opostas, e, se bem que a maquilhagem a ajudou muito a aparecer diferente, Silvana teve de realizar um grande esforço interpretativo. Quase imediatamente depois, Vittorio de Sica solicitava-a para interpretar um dos episódios do seu filme «Oiro de Nápoles». Depois, após um breve interregno para descansar, partiu para exteriores com a equipa de «Homens e Lobos», produção franco-italiana em que actuou ao lado de Yves Montand.



Silvana Mangano tem um rosto expressivo, por onde perpassa um certo vislumbre de melancolia. A sua personalidade tem, por isso, natural propensão para as interpretações dramáticas, embora, na vida real, seja uma rapariga com pleno sentido do bom humor, que gosta muitíssimo de rir e de desfrutar os momentos alegres.

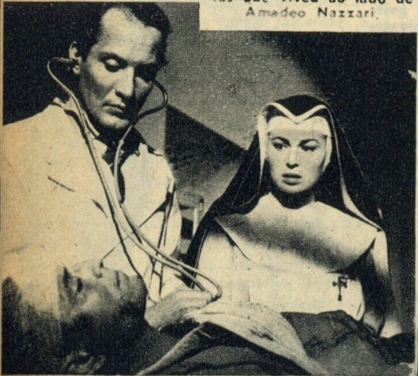




Sugestiva imagem de um dos seus primeiros filmes, «O Lobo da Calábria», drama de paixões violentas que viveu ao lado de Amadeo Nazzari.

SILVANA *mangano* NA TELA

PELOS motivos a que já nos referimos, a carreira de Silvana Mangano não regista muitos filmes, mas, em contrapartida, quase todos eles são, pelo menos, de nível acima da produção em série. Só lhe interessa actuar em películas com argumentos consistentes, que possam fazer vibrar o público, e, por outro lado, seu marido, como produtor, não a deixaria aparecer em produções a que não reconhecesse cotação suficiente para a sua posição de «estrela». Vejamos as imagens de alguns dos seus filmes.



«Ana» foi o seu segundo grande êxito, e um dos maiores recordes de bilheteira do cinema italiano. Contracenou com Raf Vallone e Vittorio Gassmann (os mesmos de «Arroz Amargo»).



Em «Ulisses», ao lado de Kirk Douglas, teve um duplo papel — o de Circe e o de Penélope — que exigiu bastante do seu talento. Nesta imagem está com Anthony Quinn.

Vittorio de Sica escolheu-a para um dos episódios da sua película «Oiro de Nápoles», em que teve Erno Criza como parceiro. Vemos ambos neste plano.



Pela terceira vez encontrou-se no elenco de um filme («Mambo») com o notável Vittorio Gassman, o galã cínico das suas películas mais sensacionais.







«Esta terra amarga» colocou-a junto dos notáveis «astros» americanos Anthony Perkins e Richard Conte. Aqui, volta a ser a rapariga bela, perseguida pelos desejos dos homens.

«Homens e Lobos», que interpretou ao lado de Yves Montand (na imagem) e Pedro Armendariz, trouxe-nos uma nova Silvana, de talento amadurecido, num papel diferentes dos que a celebrizaram.

★

Era um dia particularmente quente, o primeiro verdadeiramente tórrido da temporada. Na formosa «vila» que, na Costa Azul, muito perto de Cannes, é habitada pelo casal Laurentis, o ar estava quase irrespirável, apesar da suave brisa do mar. O sol brilhava na imensa piscina do jardim, fazendo com que a água parecesse bronze líquido. Estendida sobre a relva, sob a sombra suave de altos ciprestes e arbustos, Silvana mostra umas grandes olheiras sob os seus formosos olhos negros. Um pouco mais adiante as suas filhas, Verónica de cinco anos, e Rafaela, de dois, brincam e retroiçam na relva com os seus vestidinhos brancos sob o olhar complacente e atento da mãe.

Silvana aguarda o seu terceiro filho. Será, finalmente, um varão? A jovem sonha com um rapazito robusto, inteligente, audaz, que se pareça em tudo ao homem amado. Na quietude e paz que se respira na vivenda, Silvana sente-se, por fim, feliz. Esta sim é que é a vida, a vida que ela sempre havia sonhado. Brincar com as raparigas, passear de iate, estender-se numa cadeira a ler, abandonar-se, simplesmente, ao «doce far-niente»...

Sim, Silvana agora sente-se feliz. Tão feliz como nunca havia sonhado. E na sua cabecita cheia de ilusões, contemplando as meninas e o marido, que caminha até ela pela avenida rodeada de flores, um propósito firme, decidido, toma corpo, enche o espaço, difunde-se no ambiente:

— Não voltarei a filmar. Quando nascer o meu filho não porei os pés num estúdio... E desta vez serei eu quem ganha, ainda que isso aborreça o meu marido, o público... e até o próprio Presidente da Itália.

O mundo insiste em que Silvana Mangano seja Circe, a tentadora e fascinante sereia de Ulisses... Mas ela sente, no mais profundo do seu ser, que é só Penépole, a fiel esposa e a mãe amante. Quem ganhará a batalha?

Até agora, tem-na ganho o público. Porque o terceiro filho de Silvana Mangano nasceu, e ela, contra todas as suas afirmações peremptórias, voltou a filmar. A sua última película é «Esta terra amarga», uma produção de seu marido em que aparece Richard Conte como galã romântico.

Silvana, a rapariga bela que um dia sonhou tornar-se uma grande bailarina, e que, imprevistamente, encontrou no cinema a senda do triunfo artístico e material, sente-se prisioneira da celebridade.

F I M



N. 23

PREÇO 2$00

